

**DIAMANTINA: CENÁRIO DO PRIMEIRO DIÁRIO ESCRITO POR UMA MULHER  
NO BRASIL – MINHA VIDA DE MENINA DE HELENA MORLEY**

**Cristal Rodrigues Recchia<sup>1</sup>**  
**Maria Célia de Moraes Leonel<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Primeiro diário escrito por uma mulher no Brasil, *Minha vida de menina* traz a descrição do cotidiano e da vida pacata de Diamantina, cidade do interior de Minas Gerais. Helena Morley, uma adolescente do final do século XIX, apresenta-nos desde os loucos da cidade, até questões da libertação dos escravos. A visão de mundo da jovem narradora proporciona também uma visão de como o papel da mulher mudou na nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVES:** diário; narradora; papel da mulher; Helena Morley.

**ABSTRACT:** The first diary written by a woman, *Minha vida de menina* brings a description of the ordinary daily live and the peaceful live of Diamantina, of the rural Minas Gerais. Helena Morley, a teenager of the end of 19<sup>th</sup> century, presents us from the crazy city, to issues of liberation of the slaves. The vision world of the young narrator also provides an idea of how the women role has changed in our society.

**KEYWORDS:** diary; young narrator; women role; Helena Morley.

### **Sobre diários e mulheres**

A escritura da vida privada, que teve suas primeiras expressões essenciais datadas do século XIV na Itália, traz como principal forma de manifestação pequenas crônicas do cotidiano, sendo atribuídas aos italianos as amostras mais precoces do gênero no ocidente (HÉBRARD, 2000, p. 30). Algumas centenas de anos mais tarde, no final do século XVII, surgiu um novo gênero na França, os *livres de raison*, que guardavam em suas páginas desde contas a pagar e a receber, até a dor do falecimento da mulher ou de filhos. Estes livros, que, em sua maior parte, eram escritos por homens, não traziam detalhes da vida familiar. Já os ingleses não tiveram tanta discrição ao escreverem seus “diários”, e, na Inglaterra, o número de mulheres que mantinham o hábito de escrever os acontecimentos da vida privada era

---

<sup>1</sup> Doutoranda da UNESP/CAPES. E-mail: cristal\_venus@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutora Livre-Docente da UNESP. E-mail: mcleonel@fclar.unesp.br.

maior. Desta tradição inglesa, de esmiuçar sem meias palavras a intimidade do diarista, destaca-se o canônico Samuel Pepys, que escreveu entre 1660 e 1669 (FOISIL, 1991, p. 355).

Gradativamente os livros de contas originam os diários familiares, que, por sua vez, dão apoio ao surgimento dos diários íntimos. Mas, o caminho pode ter sido outro, o diário íntimo pode ter se originado dos almanaques, que, semelhante às atuais agendas, possuíam ao lado da data um espaço em branco para anotações livres (HÉBRARD, 2000, p 53-57). Ou ainda os caminhos se cruzaram. O importante é que o diário surgiu como uma maneira de reter os detalhes da vida cotidiana, preservando da ação do tempo fatos marcantes da vida íntima do diarista.

O diário, desde seu surgimento, foi um gênero marcado por uma série de traços característicos, sendo os principais a fragmentação da narrativa, a notação cronológica e a presença de um suposto testemunho dos fatos. É um gênero que pretende uma representação mais fiel da realidade, uma representação não ficcional, em que quem fala participou dos fatos narrados, e revela talento para um olhar entusiasmado pelo cotidiano. Ao mesmo tempo, é inevitável ao leitor comum questionar se o que o diário nos oferece corresponde a um passado verdadeiro, ou se os fatos ocorreram de maneira diversa; cabe lembrar que se trata de um tipo de escrita subjetiva, autobiográfica. Phillippe Lejeune assim define autobiografia: é um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase na sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade” (LEJEUNE apud REMÉDIOS, 1997, p. 12). “Assim, ao relatar sua história, o indivíduo chega a si mesmo, situa-se como é, na perspectiva do que foi” (REMÉDIOS, 1997, p. 12).

O fato é que o que faz um diário ser admirado por escritores e críticos literários é sua voz autoral, que revela, além de uma forte personalidade, o desenho (muitas vezes grotesco) de uma época histórica. No caso dos diários escritos por mulheres, existe também uma inclinação para o cotidiano familiar, o que resulta em pequenas crônicas sociais.

Escrever um diário requer, acima de tudo, disciplina; ao exercitar a liberdade de construir-se através da escrita, o autor de um diário exercita a continuidade textual, uma “certa narratividade gradual”, que se constrói com o passar dos dias. A passagem do tempo é descrita de maneira inteiramente subjetiva, como também é único o olhar que relata a sociedade em que vive. Madeleine Foisil dá um valor especial a esta subjetividade contida nos

diários: “Os autores de memórias que mais se aproximam da vida privada fornecem, assim, um depoimento insubstituível” (FOISIL, 1991, p. 336).

O século XX foi o mais fecundo no que diz respeito à produção da literatura íntima. Esse fato levou Milan Kundera a criar o termo “grafomania”, para designar este desejo que “todo mundo” tem de publicar o seu testemunho como uma marca de sua existência (ROCHA, 1992, p. 9-10). Já Béatrice Didier postula a tese de que os escritos íntimos estão fortemente ligados a três questões histórico-sociais: a tradição cristã, o individualismo romântico e o advento do capitalismo.

Clara Rocha, por sua vez, vê na escrita autobiográfica uma “atitude narcisista”, um “modo de reagir contra a alienação da sociedade de consumo” (ROCHA, 1992, p. 18). Sendo assim, a literatura intimista do século XX é uma voz que se faz ouvir na sociedade, uma voz extremamente particular e subjetiva, que carrega consigo traços de sua época e de sua cultura. O leitor de literatura biográfica e autobiográfica é alguém movido por uma dupla atração: pelo enigma da vida e pelo da escrita (ROCHA, 1992, p. 23).

No Brasil, Lygia Fagundes Telles atribui aos diários o tímido nascimento da literatura feminina:

Antes, a mulher era explicada pelo homem, disse a jovem personagem do meu romance *As Meninas*. Agora é a própria mulher que se desembrulha, se explica. Não esquecer que as nossas primeiras poetisas encontraram naqueles diários e álbuns suas inspirações, era naquelas páginas secretas que iam se desembrulhando em prosa e verso. Vejo assim nessas tímidas arremetidas o nascedouro da literatura feminina, na maioria, assustados testemunhos de estados d’alma, confissões e descobertas de moças num estilo intimista – o chamado estilo subjetivo com suas dúvidas e esperanças espartilhadas como elas mesmas, tentando assumir seus devaneios. (TELLES, 2000, p. 671).

É assim que surgem os dois livros de memórias mais antigos de que se tem notícia no Brasil. *Reminiscências*, de Maria Eugênia Ribeiro de Castro e *Minha vida de menina*, de Helena Morley. *Reminiscências* foi publicado em 1893 e posteriormente em 1975, e *Minha vida de menina* veio a público em 1942. Porém, ambos foram escritos no final do século XIX, entre 1890 e 1895 (VIANNA, 1995, p. 15).

Em grande parte, o que as memórias escritas por mulheres trazem são as “quinquilharias” e as relíquias sociais e familiares da época em que foram escritas, um retrato minucioso da vida privada. Paradoxalmente, é nesses traços peculiares que se constroem

aspectos universais da vida da mulher em sociedade. Todavia, existe uma marginalização político-literária de gênero, que coloca a narrativa autobiográfica (memórias, cartas, autobiografias e diários), como sendo “coisa de mulher”, o que resulta em sua exclusão do cânone. Em particular, o diário configura-se como o gênero narrativo menos valorizado e mais identificado com a escritura de autoria feminina. Isto porque os diários retratam o dia-a-dia da família, e estão repletos de observação dos detalhes banais da vida. É justamente o universo doméstico e a vida cotidiana, observados por um olho adolescente e perspicaz, que configuram as páginas de *Minha vida de menina*.

### ***Minha vida de menina*: publicação e autoria**

*Minha vida de menina*, diário de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, foi publicado em novembro de 1942 pela José Olympio e obteve grande repercussão na crítica brasileira. Posteriormente, também obteve sucesso em Portugal, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Itália. A história contada por Helena Morley passa-se em Diamantina, interior de Minas Gerais, na época da mineração e exploração de diamantes, entre os anos de 1893 e 1895, anos em que tanto o Brasil, como a jovem Helena estão em processo de formação. No Brasil, a escravidão tinha sido abolida há apenas cinco anos e a proclamação da República também era recente. Já Helena, na flor dos seus quatorze anos, busca sua identidade e é questionadora dos costumes e preconceitos da sua época, como, por exemplo, o preconceito racial:

Eu dou razão à mamãe de ficar zangada comigo. Mas que hei de fazer se não posso mudar meu gênio? Penso que se a menina fosse branquinha mamãe não se incomodava. Mas ela sempre ralha da gente pajear negrinhos. Que culpa têm os pobrezinhos de serem pretos? Eu não diferencio, gosto de todos (MORLEY, 2004, p.126).

Como se pode ser tão bom como o nosso professor Dr. Teodomiro! Depois meu pai ainda diz que gente escura não presta. Na Escola, pelo menos, os melhores são ele e Seu Artur Queiroga. Os brancos são crus de ruindade (MORLEY, 2004, p. 316).

Embora Helena Morley não tenha usufruído de uma educação requintada devido à má condição financeira de sua família, foi incentivada pelo pai a escrever diariamente, de modo que a influência paterna foi fundamental para a prática da escrita. O mesmo ocorreu com

Sophia Lyra, Júlia Lopes de Almeida (MORAIS, 2000, p. 112-113) e Maria Julieta Drummond de Andrade (ANDRADE, 1985, p. 7). Em especial, o diário da filha do poeta Carlos Drummond de Andrade, assemelha-se ao diário de Helena Morley no que toca à escrita sem intenção literária. Maria Julieta retrata como era a vida cotidiana da classe média do Rio de Janeiro de 1940. Outro diário que se liga ao de Helena é *Lá em casa era assim*, de Edésia Corrêa Rabello (1964), uma vez que ela é contemporânea e conterrânea de Helena Morley.

Alice Brant, no momento da publicação de suas memórias de adolescente, já aos 62 anos, ficou perplexa com o sucesso do livro, pois pensava que estaria simplesmente fazendo um registro para as netas sobre sua infância na província, mostrando a beleza da vida de antigamente. A autora, em nota que à primeira edição de *Minha vida de menina*, faz a ressalva de que seus textos devem ser lidos como uma lição de vida, de uma vida simples e feliz. Sendo assim, a autora deseja que o livro funcione como um bom conselho:

Agora uma palavra às minhas netas. – Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições – coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva. (MORLEY, 2004, p. 13-14).

Porém, a intenção utilitária não será do livro seu principal encanto, mas sim a presença da sociedade diamantinense descrita, ao que parece, sem rodeios pela menina.

Ultimamente eu andava com pena de tia Aurélia, pela luta que ela tinha com uma alugada que trazia a vida dela num inferno; era malcriada, porca, burra, idiota e ruim, e minha tia vivia infeliz com a demônia. Na hora do café tínhamos de ouvir sempre as ruindades e as burrices de Isabel. Tio Conrado dizia: “Mande-a embora” e ela respondia: “Mando-a e toco-a de casa todos os dias e ela me responde que só sairá quando quiser”. Eu ficava com pena de minha tia e ela sem achar jeito a dar com Isabel.

Meu tio mora na rua principal e tinha medo de jogá-la na rua e ela fazer escândalo; tia Aurélia então se desabafava só em viver falando dela. Hoje eu faltei à aula de Desenho e corri para o café na casa de minha tia. Logo que nos sentamos na mesa, tia Aurélia foi dizendo: “Vou lhes dar uma notícia ótima. Fiquei livre da Isabel”. Todos perguntamos: “Como foi que a senhora conseguiu?” Ela disse: “Dei-lhe uma surra, ela ficou com medo carregou a trouxa e foi-se, graças a Deus”. Os primos todos disseram ao mesmo tempo: “Que absurdo a senhora fez, mamãe! Ela é uma negra forte e doida e a senhora tão pequena e magra; podia ter-lhe batido e machucado muito”. “E até matado!” disse meu tio. Tia Aurélia respondeu: “Quem sabe vocês pensam que eu sou alguma idiota? Eu experimentei-a primeiro com um tapinha leve. Como eu vi que ela não reagiu, dei o segundo. Ela ficou

**RECORTE – revista eletrônica**  
**ISSN 1807-8591**  
**Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR**  
**ANO 8 - N.º 2**

quieta. Aí eu aproveitei, peguei na vassoura e lavei-a de veras” (MORLEY, 2004, p. 269).

Essa, como diversas passagens, permite-nos o contato com diferentes classes sociais, que muitas vezes são episódios pincelados pelo senso crítico de Helena Morley; como no caso do ladrão que, quando estava para ser preso, transformava-se em qualquer coisa material que desejasse:

O assunto da cidade é o ladrão misterioso; na Chácara de vovó não se fala noutra coisa. Dizem que ele tinha sumido mas voltou e tem roubado muitas casas e lojas e ninguém consegue prendê-lo; quando vão tentando pegá-lo ele vira o que quer. Hoje Emídio e José Pedro chegaram na Chácara horrorizados contando a proeza do tal ladrão. Ele entrou no Rio Grande e roubou muito. O dono chegou quando ele estava fazendo o saco e apitou. O povo do Rio Grande, que já estava prevenido, saiu todo para a rua para ajudar a pegar o ladrão. Ele saiu correndo e o povo atrás. Quando ele chegou perto do Glória, e já estava quase sendo pego, virou um cupim. Emídio e José Pedro contavam apavorados.

Eu fiquei duvidando da história, porque se eles viram que o homem virou cupim, podiam ter trazido o cupim e trancado na cadeia e ele havia de virar homem outra vez. Não estou acreditando nessa história do ladrão virar cupim, toco e outras coisas; mas que ele tem assustado muito, tem. Cada dia vem notícia dele ter entrado numa casa ou numa venda. Nós todos só poderemos ter sossego quando se pegar esse ladrão misterioso. (MORLEY, 2004, p. 37-38).

A coragem e a personalidade forte de Helena Morley foram destacadas por sua parenta Vera Brant, grande admiradora do diário:

Sempre havia imaginado que, naquela época, até muitos anos depois, as mulheres eram umas bobocas, fazendo só o que os pais e os maridos permitissem e dizendo amém a todos. Mas, não. Alice dialogava com os pais, dizia-lhes o que bem entendia, discordava, opinava, concordava às vezes, não arredava um milímetro do que considerava ser correto (BRANT, 2007, p. 23-24).

Essa garota tão à frente de seu tempo, questionadora e crítica mostra-nos uma nova versão da mulher do século XIX, uma mulher que tinha consciência do seu papel na sociedade.

O diário de Helena, que também pode ser lido como uma crônica do cotidiano, instigou a curiosidade de vários estudiosos sobre suas verdadeiras origens. Foram levantadas pela crítica três hipóteses para a origem do diário de Helena Morley, que são apresentadas e discutidas no ensaio “Outra Capitu” de Roberto Schwarz (1997). Seriam elas: Alice sustenta

que o livro foi realmente escrito por ela nas mesmas datas que são apresentadas no diário, entre 1893 e 1895, quando ela tinha entre doze e quinze anos. A segunda hipótese, de Alexandre Eulalio, é a de que a autora tenha escrito seu livro já adulta, baseando-se nas memórias de juventude e simulando uma linguagem adolescente. Essa hipótese de Alexandre Eulalio foi pessoalmente contestada por João Guimarães Rosa, que disse que, no caso da autora ter escrito suas memórias já adulta, o diário seria ainda uma obra mais extraordinária, “[...] pois, que soubesse, não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância” (SCHWARZ, 1997, p. 45). E a terceira e última hipótese que se levanta é de que a autora tenha melhorado seu texto de menina para a publicação, já revelando ideais modernistas, como, por exemplo, a liberdade linguística, e a difusão da língua “brasileira” (SCHWARZ, 1997, p. 45-46).

Algum tempo depois, Alexandre Eulalio reviu sua argumentação e concluiu que, na verdade, os escritos são de Helena Morley, porém, foram sabiamente editados para publicação; nas palavras de Eulalio: “Não resta senão louvar a leveza da mão experiente que preparou para o prelo os velhos cadernos da mocinha sem deturpar em um nada o caráter genuíno deles” (EULALIO, 1993, p. 43). Um fato que podemos destacar, neste sentido, é que tudo melhora na vida de Helena de uma hora para outra, e a menina pobre passa a ter uma vida melhor coincidentemente perto do desfecho da obra, final que pode sugerir a mão de um editor:

Hoje estou me lembrando de vovó, porque a alma dela nos tem protegido desde que morreu.

Quantas vezes ela não me dizia: “Você é que vai valer à sua família, minha filha. Você é tão inteligente e boazinha”. Lembro-me também dela sempre dizer a mamãe: “Carolina, minha filha, eu estou muito precisada de morrer para melhorar sua vida”. Falava assim por não lhe poder dar dinheiro em vida, porque tio Geraldo, que tomava conta da fortuna dela, não deixava.

O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó. Meu pai entrou para a Companhia Boa Vista e tudo dos estrangeiros é só com ele, porque é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus.

Não é mesmo proteção de vovó lá do Céu? (MORLEY, 2004, p. 335).

Durante a comemoração do centenário do diário em Diamantina, Marlyse Meyer, em conversa informal com Roberto Schwarz, contou-lhe que corriam muitas hipóteses sobre os

papéis de Helena. Uma delas dizia que os mesmos nunca existiram, ou haviam sido queimados, e o livro foi na realidade baseado em um anedotário familiar, que estava guardado a sete chaves num baú. Schwarz, em outras circunstâncias, ouviu também que Augusto Meyer, Cyro dos Anjos e o próprio marido de Helena, Mário Brant seriam possíveis nomes que ajudaram a editar os cadernos da menina (SCHWARZ, 1997, p. 46).

Elizabeth Bishop também se questionou a respeito da verdadeira autoria do diário, mas a poetisa escolheu não se pronunciar publicamente como o fizeram Alexandre Eulalio e Roberto Schwarz. Ao contrário, na Introdução que acompanha a tradução de Bishop, ela afirma que o que traz encanto ao diário é justamente a sua autenticidade, é o leitor poder imaginar que realmente existiu uma menina que viveu todas as peripécias do livro. Porém, Bishop também comenta que Mário Brant nunca permitiu que ela pudesse ver os originais, e que foi ele quem acompanhou o processo de tradução fazendo correções (que não foram incorporadas à obra), e resgatou a identidade de muitos personagens que aparecem nas inúmeras notas de rodapé da edição em língua inglesa.

A participação do Sr. Augusto Mário Caldeira Brant foi muito mais significativa do que se pode pensar de início, foi ele que por “[ter] muito orgulho da esposa; [...] se dispôs a juntar os velhos papéis e cadernos e prepará-los para publicação” (BISHOP, 1996, p. 108). Foi também o Sr. Brant quem participou da escolha do pseudônimo de Alice: o Morley originou-se do sobrenome de uma avó inglesa de Alice; já Helena foi uma escolha do Sr. Mário Brant.

Mas, a participação do marido de Alice no livro vai além, em entrevista a *O Globo*, Alice Brant dizia:

O livro só tem bobagens, bobagens de menina. [...] Não sei como é que tanta tolice obtém essa repercussão. Eu nunca pensara em publicar o que quer que fosse, mas meu marido e Sarita [uma das filhas] teimaram que não houve jeito. O Mário procedeu uma censura severa, suprimindo muita coisa que parecesse indiscreto, por atingir, através de críticas, pessoas ainda vivas (BRANT *apud* MACHADO, 2000, p. 60).

O autoritarismo do Sr. Mário Brant foi lembrado por Marlyse Meyer, em seu recente artigo intitulado “Uma tradução e as suas circunstâncias” (2006), quando Meyer faz o exercício de lembrar-se das circunstâncias que viveu durante a tradução de *Minha vida de*

*menina* para o francês. O trecho abaixo se refere a um jantar oferecido pela família Brant à tradutora:

Às tantas, a D. Alice contou alguma coisa. O marido interveio da outra ponta, espantado: “Alice, não é isso que você conta no seu livro, você pensava de outro jeito, não lembra?”. E a coitada da D. Alice, visivelmente, já cansadinha. Ela ficou meio sem graça e Dr. Augusto Mário insistindo: “Não é possível, você não pensava assim. O que foi mesmo, lembra o que você falou?” (MEYER, 2006, p. 283).

Alice Brant ainda diria, em outra entrevista ao jornal *Tribuna Imprensa*, que manteve seu diário dos treze anos até a idade adulta, o que dá brecha a questionarmos se muitos textos não foram escritos posteriormente a 1895 (MACHADO, 2000, p. 60).

Roberto Schwarz preferiu deixar a questão em aberto:

Assim, não é impossível que a diferença entre os papéis originais e o livro publicado seja grande, que a prosa tenha sido normalizada em alto nível de sabedoria literária, que tenha havido desmembramentos e recomposições por assunto, de modo a formar blocos mais consistentes e contrastantes, e que até mesmo as datas encimando as entradas não correspondam sempre à realidade, às vezes funcionando como indicações convencionais de que se trata de um diário. Haveria causa para decepção? (SCHWARZ, 1997, p. 48).

Ao mesmo tempo em que todas estas questões que envolvem a autoria de *Minha vida de menina* são intrigantes e envolventes, também não deixa de ser relevante perguntar o que levou a crítica a se incomodar com essa questão. Será que por ter sido um livro inteligente e, ao mesmo tempo, escrito por uma mulher supostamente na adolescência?

Mario Vargas Llosa (2007), em seu texto “A verdade das mentiras” coloca em cheque a verdade dentro da literatura: “Não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo” (LLOSA, 2007, p. 13). Ao encontro da visão de Llosa, temos a opinião de Dante Moreira Leite (1964), quando diz:

Toda biografia é trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora. [...] No caso da autobiografia, o processo não parece muito diverso, apesar da ilusão de maior verdade: ninguém diz tudo a respeito de si mesmo, e a verossimilhança e o sentido de uma vida dependem de critérios que não são dados, diretamente, pela ação (LEITE, 1964, p. 17).

Considerando que toda biografia, e conseqüentemente, toda autobiografia seja um trabalho de interpretação, chegamos justamente à leitura que propomos de *Minha vida de menina*: o que se tem é a interpretação dos fatos e da população de Diamantina feita por uma

jovem mulher. Como a mulher vê a sociedade em que vive é algo que ficou fora da História oficial, com Helena Morley, a mulher sai dos bastidores e vira protagonista.

O que é verdade e o que é mentira sobre a própria Helena jamais saberemos, mas, para que o encanto do livro não se perca, deve-se fazer um pacto com a autora ao iniciar a leitura, compactuar com a ideia de que as entradas do diário são realmente do período de 1893 a 1895 e unicamente escritas pela menina-moça Helena Morley.

### **O tempo em *Minha Vida de Menina***

A configuração temporal em *Minha vida de menina* é singular no que diz respeito ao tempo histórico inserido na obra. Um dos encantos de *Minha vida de menina* está na apresentação, sem rodeios, do cotidiano de Diamantina da década de 1890. Um retrato da vida privada, como poucos, repleto dos mais diversos tipos sociais:

Hoje tive o maior espanto de minha vida. Vovó, todos os sábados, manda um de meus irmãos ao Palácio, que é perto da Chácara, trocar uma nota em borrysquês<sup>3</sup> do Bispo. Põe tudo numa caixa de papelão e fica sentada na sala de jantar, à espera das pobres dela. A cada uma dá um borrysquê novo de duzentos réis. São elas Chichi Bombom, Frutuosa Pau-de-Sebo, Teresa Doida, Aninha Tico-Tico, Carlota Pistola, Carlota Bostadanta, Teresa Busca-pé, Eufrásia Boaventura, Maria Pipoca e Siá Fortunata. Estas são as que entram, sentam com vovó na sala de jantar e contam suas misérias. Ainda há os pobres que ficam no corredor e na porta da rua. Vovó diz que quem dá aos pobres empresta a Deus. Ela já deve ter no céu um dinheirão guardado, pois empresta tanto! (MORLEY, 2004, p. 29).

Hoje andou pela cidade a passeata de Bambães. Ele põe no andor um sino todo enfeitado e sai pelas ruas repicando e pedindo esmolas para a igreja que ele está fazendo no Rio Grande. Os meninos vão atrás acompanhando, e eu acho que alegre muito as ruas.

Bambães é baixinho, gorducho, muito alegre e só trata a todo mundo de “Meu Belo”. Todos gostam dele. Mas ninguém lhe dá esmola, porque dizem que ele tira é para ele. Eu não creio (MORLEY, 2004, p. 31).

Tenho visto muita coisa na vida, mas padre mexeriqueiro foi hoje a primeira vez.

Eu estava na porta, quando vi Padre Augusto vir descendo do Palácio e caminhando para a Chácara. Como sei do gosto que vovó tem por padre, fui

---

<sup>3</sup> Vales que os comerciantes, industriais e instituições de beneficência emitiam para suprir, diziam, a falta de trocos, e circulavam como dinheiro. Os borrysquês do Bispo eram emitidos pela Caixa Pia da Diocese e assinados por ele. O nome desses vales vem do negociante francês Borrysque, que foi o seu introdutor em Diamantina. (Nota da editora).

correndo recebê-lo e beijar-lhe a mão. Levei-o para a sala, contente com a satisfação, que vovó ia ter, sem pensar, nem de longe, no que ele tinha ido fazer. Chamo vovó; ela toda inchada com a visita, pega na bengala, segura no meu braço e vamos para a sala. Mamãe, Dindinha, Iaiá e tia Agostinha foram também para a sala conversar com o padre.

Deixei todas ali e voltei para dentro. Nós sempre aproveitamos toda a ocasião para irmos para a ribanceira. Chamei o pessoal todo: Nico, Renato, Nhonhô, Luisinha e Rita, e voamos para o fundo da horta. Tínhamos escorregado só uma vez e quando demos fé a velharia toda no alto, olhando o que estávamos fazendo.

Adivinhamos logo o que ia acontecer. Iaiá gritou Quintiliano: como ele é velho e não podia descer a ribanceira, Nico e Renato é que tiveram de subir com o couro. Para escorregar é um instante, mas para subir cansa; se não fosse isso ninguém entrava mais em casa. Mas em tudo há de haver uma gente ruim para atrapalhar.

Quintiliano enrolou o couro e levou, e Dindinha mandou guardar no quarto dos arreios e fechou com a chave.

Vovó ralhou muito e disse que ficou com pena de ver Padre Augusto, tão bom, tão caridoso, largar suas obrigações para vir avisá-la que, se ela não tomasse uma providência, um de nós era capaz de morrer afogado no córrego que passa no fundo da Chácara.

Nós explicamos como a coisa estava arranjada, mas não valeu de nada; elas não quiseram acreditar. Eu disse a vovó: “Padre Augusto não veio por caridade, não, vovó, veio foi mexericar. A língua dele coçou e ele veio, isso é que foi”.

E assim perdemos o melhor brinquedo que já descobrimos (MORLEY, 2004, p. 44-45).

Quando Rachel de Queiroz (*apud* BRANT, 2007, p. 33) classifica o diário de Helena Morley como um retrato de Diamantina feito a bico de pena, temos a dimensão da quantidade de detalhes da vida privada que *Minha vida de menina* contempla. A riqueza da obra de Morley é pintar os bastidores de três anos da história do Brasil relatados a partir da ótica de uma jovem mulher. Mais do que destacarmos o que Helena vê, precisamos prestar atenção ao que salta aos olhos da garota. Existem referências à República recém-conquistada, porém, o que importa, para Helena, não são as divergências políticas entre o Marechal Deodoro e Floriano Peixoto, mas sim que algum político pense em algo de concreto para Diamantina, que, segundo ela, não deveria ser uma repartição para os correios, mas a estrada de ferro, a água encanada. Helena vive os anos pós-escravatura, contudo, o que vemos a partir de seus olhos são negros que preferiram continuar nas fazendas por falta de opção. Com Helena, sabemos que eles agora são livres, mas não deixaram de ser negros e sinônimo de trabalho barato, semiescravo; o que acontece, de forma mais branda, até os dias de hoje.

Vovó sempre se queixa que a Lei de Treze de Maio serviu pra dar liberdade a todo mundo menos a ela, que ficou com a casa cheia de negros velhos, negras e negrinhos. Ela gosta quando casa qualquer delas; dá enxoval e uma mesa de doces. A senzala antiga tem um quarto de noivos que dá para o terreiro. De vez em quando tem que se arranjar o quarto para um casamento. Vovó fica contente e já se casaram muitos (MORLEY, 2004, p. 127).

O tempo em *Minha vida de menina* é lento, preguiçoso, demora a passar: “Assim passei a tarde sem fazer nada. Como só de escrever eu nunca tenho preguiça, venho aqui contar a história do tempo antigo, para o futuro, como diz meu pai (MORLEY, 2004, p. 95)”. Tal lentidão reflete, de certa forma, a decadência das riquezas da cidade. Com o esgotamento das lavras de diamantes, a cidade passou a perder sua importância no quadro nacional, o que gerou desemprego e recessão.

Meu pai vive sempre esperando dar num cascalho rico: mas é só esperança, toda a vida. Quando ele dá no lavrado, como desta vez, lá se vai todo o dinheiro e ainda fica devendo.

[...] Às vezes eu dou razão a Seu Zé da Mata, da resposta que ele deu quando meu pai o foi convidar para entrar de sociedade num serviço de mineração. Ele disse: “Não, Seu Alexandre, eu não deixo o meu negócio onde estou vendo o que tenho, para procurar debaixo da terra o que eu não guardei lá!”.

Vovó sofre sabendo o que passamos, que nem ela a gente conta, mas eu penso que ela adivinha. Os diamantinhos que meu pai tirou não deram para as despesas. E agora o que será? Tenho tanto medo de meu pai ser obrigado a vender a nossa casa, como ele já anda falando (MORLEY, 2004, p. 71).

A maior parte da população da cidade parece viver com dificuldades. A presença da Igreja e das festas religiosas funciona como conforto e como um meio de esperança: “[...] mas viver a gente veve (sic) de qualquer jeito. Deus é que ajuda (MORLEY, 2004, p. 20)”. Como podemos notar, o espaço em *Minha vida de menina* também revela a condição social de Helena.

Para Helena era tudo tão devagar em Diamantina, que até a contagem do tempo dava-se pelo passear vagaroso do sol pelo céu, e durante a noite, pelo canto do galo:

Na Cavallhada só os homens têm relógio. Quem mora no meio da cidade não sente falta porque quase todas as igrejas têm relógio na torre. Mas quando meu pai não está em casa é até engraçado o engano das horas conosco. Durante o dia não precisamos de relógio porque chegamos em casa ao mesmo tempo para o almoço e o jantar. Além disso temos a corneta do quartel, que toca até nove horas. Depois dessa hora o relógio de mamãe é o galo, que não regula muito bem. Já nos tem pregado boas peças e mamãe

não se corrige. Há dias que eu até desejo que o galo de casa e dos vizinhos morram. Mas também não adiantava, porque vinham outros no lugar. Canto de galo nunca dá certo, e ninguém se convence. Quando o galo canta às nove horas, dizem que é moça que está fugindo de casa para casar. Eu ouço sempre galo cantar às nove horas e é raro moça fugir de casa. Antigamente eu acreditava na hora do galo porque, na Boa Vista, a gente pergunta a hora a um mineiro, ele olha para o sol e diz. A gente vai ver no relógio e dá certo. Por isso eu pensava que o sol marcava a hora durante o dia e o galo durante a noite. Estou vendo hoje que é engano. No domingo mamãe nos acorda um pouco antes das quatro horas para a missa da madrugada. Hoje quando mamãe nos chamou, eu morta de sono lhe disse: “É impossível que já seja perto de quatro horas, mamãe. Parece que comecei a dormir ainda não há uma hora. Estou com tanto sono que nem posso abrir os olhos”. Ela respondeu: “Você dorme depois da missa. Estamos na hora, que o galo já cantou duas vezes”. Levantei-me cabeceando de sono e lavei o rosto. Ela já estava com o café coado. Tomamos e saímos. Na rua é que eu sempre vejo se é cedo ou tarde. Fui olhando a lua e as estrelas e dizendo a mamãe: “A senhora vai ver se o galo acertou a hora desta vez”. A rua estava deserta. Fomos andando nós duas pelo braço de mamãe. Passando perto do quartel, o soldado que estava de ronda vira para mamãe e pergunta: “Que é que a senhora está fazendo na rua com essas meninas, a estas horas?” Mamãe respondeu: “Vamos à missa da Sé”. O soldado disse: “Missa à meia-noite? Não é véspera de Natal; que história é essa?” Eu já estava com medo do soldado. Mamãe respondeu: “Meia-noite? Eu pensei que eram quatro horas. Muito obrigada pela informação”. Voltamos e nos deitamos vestidas. Mesmo assim perdemos a missa. Quando chegamos à igreja depois, Padre Neves já estava nas aves-marias (MORLEY, 2004, p. 101-102).

O passar do tempo retratado por Helena Morley, assemelha-se ao tempo descrito por Carlos Drummond de Andrade (2007, p. 02), em “Cidadezinha qualquer”:

Casas entre bananeiras  
Mulheres entre laranjeiras  
Pomar amor cantar  
Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.  
Eta vida besta, meu Deus.

Tudo vai devagar, muito devagar. O que é rápido, e nada besta no diário é o pensamento crítico de Helena. O resgate da memória é um dos caminhos percorridos pelas mulheres para chegar ao autoconhecimento, uma volta ao passado que ilumina o presente e o futuro (XAVIER, 1991, p. 13). Ademais, “escrever possibilita a leitura e vice-versa, num

movimento circular onde escrever sobre si permite o ler-se e, conseqüentemente, o conhecer-se e reinscrever-se” (VIANNA, 1995, p. 26).

Este movimento circular – escrever, ler, conhecer, escrever – nos revela a personalidade de Helena Morley:

Não sei por que hei de ter este gênio de não suportar as contrariedades, tendo sido criada na nossa família, com todos tão resignados e conformados, e também sendo filha de meus pais que nunca discutem e não procuram se meter em nada. Penso sempre que a educação nada vale. Cada pessoa nasceu como Deus a fez e assim terá de ser (MORLEY, 2004, p. 137).

Meu exame de Música ontem foi uma surpresa para todos. Quem havia de imaginar que eu me sairia assim? As minhas colegas não admitem nada em mim. Às vezes eu desejo ter força de vontade, estudar um pouco e mostrar a todas elas do que eu sou capaz. Mas, é melhor assim. Ninguém gosta de ver que os outros têm mais inteligência. Eu vejo como elas são com Clélia e Mercedes. Talvez elas todas gostem de mim por me julgarem diferente do que realmente sou (MORLEY, 2004, p. 215).

Fiquem mamãe e Luisinha fazendo da vida delas sofrimento; eu vou aproveitar a minha (MORLEY, 2004, p. 311).

E quem diria que esta garota viveu no século XIX? Felizmente o diário de Helena existe para mostrar o quanto as mulheres são inteligentes, críticas, e que na verdade não eram seres sem voz, mas com um grito silenciado, entalado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. Cidadezinha qualquer. Disponível em: <http://www.meusonho.com.br/poetasfamosos/carlosdrumontandrade.htm>>. Acesso em 05 de jul. 2007.

ANDRADE, M. J. D. *Diário de uma garota*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

BISHOP, E. O diário de “Helena Morley”: o livro e a autora. *Esforços do afeto: e outras histórias*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 105-134.

EULALIO, A. A história natural de Helena Morley: *Minha vida de menina*. In: CALIL, C. A.; BOAVENTURA, M. E. (Org.). *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p. 34-43.

FOISIL, M. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, R. (Org.) *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 331-369.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. Trad. Analucia Teixeira Ribeiro. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-61.

LEITE, D. M. Ficção, biografia e autobiografia. In: *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1964. p. 17-25.

LLOSA, M. V. A verdade das mentiras. *A verdade das mentiras*. São Paulo: Arx, 2007. p. 11-26.

MACHADO, M. T. *Para inglês ler: o diário de Helena Morley traduzido por Elizabeth Bishop*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MEYER, M. Uma tradução e as suas circunstâncias. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 278-290, 2006.

MORAIS, M. A. C. Vida íntima das moças de ontem: um encontro com Sophia Lyra. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 109-122.

MORLEY, H. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RABELLO, E. C. *Lá em casa era assim...* Belo Horizonte: Siderosiana, 1964.

REMÉDIOS, M. L. R. Literatura confessional: espaço autobiográfico. *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p. 09-15.

ROCHA, C. *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.

SCHWARZ, R. Outra Capitu. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 45-144.

TELLES, L. F. Mulher, mulheres. In: PRIORE, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 669-672.

VIANNA, M. J. M. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

**RECORTE** – revista eletrônica  
ISSN 1807-8591  
Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR  
ANO 8 - N.º 2

XAVIER, E. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 9-16.